



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica e Secundária de Carcavelos

Dissertação elaborada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação
Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Professora Doutora Maria João Figueira Martins

Júri:

Presidente

Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Vogais

Professora Doutora Maria João Figueira Martins

Professora Licenciada Ana Cristina do Carmo Azevedo Rodrigues Calçado

Carvalho

Diana Raquel da Palma Figueiredo Vieira

2016



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica e Secundária de Carcavelos com
vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

Este relatório foi produzido com base na experiência do Estágio Pedagógico em Educação Física
desenvolvido na Escola Básica e Secundária de Carcavelos, sob a supervisão de Professora
Doutora Maria João Figueira Martins e da Licenciada Ana Cristina do Carmo Azevedo Rodrigues
Calçado de Carvalho, no ano letivo de 2015/2016

Diana Raquel da Palma Figueiredo Vieira

2016

Resumo

O relatório de estágio é a etapa final de um processo contínuo de formação, que descreve todas as atividades que desenvolvi ao longo do ano letivo na Escola Básica e Secundária de Carcavelos (EBSC). Com este documento pretendo relatar as experiências ocorridas nas diferentes áreas de intervenção, mas também com uma atitude crítica, reflexiva e projetiva acerca do trabalho que foi desenvolvido. Inicialmente é apresentada uma breve caracterização da EBSC, do Grupo de Educação Física (GEF), dos espaços onde decorreram as aulas de Educação Física (EF) e da turma. Na segunda parte apresento reflexões da minha participação na escola, na organização e gestão do ensino e da aprendizagem, na investigação e inovação pedagógica e na relação com a comunidade.

A aquisição de novos conhecimentos e competências conseguidos durante o processo de estágio contribuiu para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. A reflexão, individual e em grupo, deve estar sempre presente como futura profissional para haver constantemente uma evolução, tendo como objetivo último a promoção das aprendizagens dos alunos.

Palavras-chave: Educação Física, Estágio Pedagógico, Professor, Reflexão.

Abstract

The practicum report is the final step, of a continuous formation process, which describes all of the activities that I develop through this year in Carcavelos' Elementary and Secondary School. With this document I want to report the experiences that occurred in the different areas of intervention, but with a critic, reflective and projective attitude about the work I have developed. First I do a short characterization of the school, the Physical Education Group, the workspaces where the lesson took place and the class. The second part contemplates my reflections about my work in the school, on the organization and management of teaching and learning process, on the pedagogical investigation and innovation and the relationship with the educational community.

The learning of new knowledges through this practicum year has improved my professional and personal development. The individual and group reflection should be always present as a future professional in this area, for a continuous evolution, with the ultimate goal of promoting students' learning.

Keywords: Physical Education, Practicum, Teacher; Reflection.

Índice

1	Introdução.....	1
2	Caracterização	2
2.1	Agrupamento/Escola	2
2.2	Grupo de Educação Física	5
2.3	Espaços.....	7
2.4	Turma.....	8
3	Participação na Escola	9
3.1	Educação Física	9
3.2	Torneio do Jogo do Mata e de Voleibol.....	23
3.3	Desporto Escolar	25
3.4	Investigação e Inovação Pedagógica.....	29
3.5	Direção de Turma.....	31
4	Conclusão.....	35
5	Referências Bibliográficas	36
6	Anexos	38

Índice de Anexos

Anexo 1 – Projeto Educativo da Escola Básica e Secundária de Carcavelos

Anexo 2 – Perfil do Aluno

Anexo 3 – Plano Plurianual

Anexo 4 – Plano Anual de Turma

Anexo 5 – Plano 6ª Unidade de Ensino

Anexo 6 – Ficha Observação Ginástica

Anexo 7 – Ficha Aula Ginástica

Anexo 8 – Ficha Apoio Ginástica de Aparelhos

1 Introdução

O relatório de estágio surge no âmbito do Estágio Pedagógico realizado na Escola Básica e Secundária de Carcavelos (EBSC) no ano letivo de 2015/2016, integrado no 2º ano do Mestrado no Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

O processo de formação inicial assume um papel fulcral no desenvolvimento de competências dos professores estagiários para que estes se tornem bons profissionais na área. Tal como refere Woolfolk Hoy e Spero (2005), algumas das maiores influências no desenvolvimento da eficácia num professor ocorrem durante o ano de estágio. O contacto real com a comunidade educativa torna-se essencial para o desenvolvimento de um futuro professor. Só assim poderemos passar pelas responsabilidades da profissão de um professor, neste caso, de Educação Física (EF).

Na primeira parte deste relatório encontra-se a caracterização do contexto em que estava inserida: o Agrupamento das Escolas de Carcavelos e, mais especificamente, da EBSC; o Grupo de Educação Física (GEF), os recursos espaciais para a lecionação da disciplina de EF e da turma. Numa segunda parte é apresentada uma análise reflexiva e projetiva da experiência em todas as áreas do estágio pedagógico. Em cada área apresento as dificuldades sentidas, as estratégias utilizadas para ultrapassar estas dificuldades e ainda uma atitude projetiva, uma vez que o ano de estágio não encerra a minha formação profissional na área da docência.

No final deste documento é apresentada a conclusão, salientando os aspetos mais importantes deste ano de estágio. É realizada ainda uma reflexão sobre a formação inicial de professores.

2 Caracterização

2.1 Agrupamento/Escola

Segundo o Projeto Educativo do triénio 2012-2015 (Anexo 1), em 1977, devido à escassez de escolas públicas na zona e ao aumento de acesso à educação que se acentuou com o 25 de abril, surge um acordo com o Colégio Marista de Carcavelos onde este acabaria por ceder dois terços das suas instalações para a Escola Secundária de Carcavelos. Esta situação durou até 1986 momento em que acaba por inaugurar as suas próprias instalações (Agrupamento de Escolas de Carcavelos, n.d.).

No ano letivo de 2005/2006 as escolas deixaram de ter uma organização individualizada, passando então a haver um conjunto de escolas a pertencer à mesma organização. Deste modo, várias escolas acabaram por agregar-se. Em 2007, a Escola Básica e Secundária de Carcavelos (EBSC) passou a ser a escola sede do Agrupamento de Escolas de Carcavelos (AEC). No Projeto Educativo é mencionado que ficaram associadas ao Agrupamento a Escola Básica 1 de Arneiro com Jardim de Infância, a Escola Básica 1 dos Lombos e a Escola Básica 1 de Sassoeiros com Jardim de Infância. Apenas no ano letivo de 2012/2013, as instituições da Escola Básica 1 de Carcavelos, o Jardim de Infância de Carcavelos e a Escola Básica de Rebelva passam a pertencer ao Agrupamento (Agrupamento de Escolas de Carcavelos, n.d.).

A EBSC, sede do AEC, foi alvo de intervenção da Parque Escolar tendo sido o projeto finalizado no ano letivo 2011/2012. Foi efetuada a manutenção de cinco pavilhões, sendo que o pavilhão destinado às aulas de Educação Física não obteve alterações à sua estrutura. Apesar de o pavilhão ter boas condições para a prática de quase todas as matérias presentes nos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), a sua manutenção e especialmente a limpeza foi um dos aspetos mais negativos a realçar neste espaço. Já as condições materiais de todos os espaços permitiram a lecionação de todas as matérias previstas ao longo do ano. Contudo, foi criado um novo espaço com boas condições acústicas, favorecendo a lecionação da dança. Para além disso, este era bastante favorável à prática de ginástica pelas condições materiais que possuía.

A polivalência dos espaços foi um aspeto positivo durante o ano de estágio. Permitia a lecionação de várias matérias, também devido às condições materiais da escola que a tornava bastante completa. Pude lecionar matérias como a Patinagem e Ginástica de Aparelhos que exige uma elevada quantidade de material que nem sempre se encontra disponível em todas as escolas.

O AEC apresenta várias particularidades com o objetivo de desenvolver a autonomia e responsabilidade nos seus alunos. A inexistência de toques de campanha

para entrada e saída das aulas proporciona uma melhor gestão do tempo por parte dos alunos assim como a responsabilização de chegarem a horas às aulas. Considero o desenvolvimento desta competência fundamental para o futuro dos alunos porque lhes dá a responsabilidade de gerirem os seus horários e de cumprirem os compromissos da escola sem que seja necessário haver um fator externo que os motive a isso. Os delegados e subdelegados de turma têm ainda algumas tarefas acrescidas, tais como transportar o livro de ponto e dinamizar as aulas de substituição. Ou seja, deverão fazer-se acompanhar do livro de ponto para todas as salas onde terão aulas e as aulas de substituição podem ser dinamizadas pela turma com a coordenação dos delegados de turma. Neste caso, o professor da disciplina poderá deixar tarefas para realizarem durante a hora de substituição ou, em último caso, há uma folha de atividades planificadas pelo Diretor de Turma no livro de ponto. Considero esta responsabilização do delegado de turma uma boa medida adotada pela escola pois estes alunos sentem-se ativos na escola e que a sua função de delegado acarreta tarefas importantes.

Relativamente ao processo ensino-aprendizagem, existem também algumas medidas aplicadas que constam no Projeto Educativo com o objetivo de “promover o desenvolvimento integral das capacidades dos alunos em diferentes domínios” (Agrupamento de Escolas de Carcavelos, n.d., p.10). São realizados testes comuns a todas as disciplinas como forma de uniformizar e regular o ensino. A uniformização de um dos elementos de avaliação por período de escolaridade é bastante útil por permitir analisar se os alunos assimilaram os conhecimentos de cada disciplina. Este teste é elaborado pelos vários professores com turmas do mesmo ano de escolaridade para garantir que todos os alunos abordam os mesmos conteúdos. Para além disso, cada disciplina deverá ter pelo menos três elementos de avaliação de forma a orientar melhor o trabalho dos professores com os alunos. Devem ser analisados os resultados obtidos e verificar onde houve mais dificuldades para poderem reforçar esses conteúdos para colmatar estas dificuldades.

Para monitorizar este trabalho realizado pelos professores, todos os meses estes devem enviar a Ficha de Informação à Direção, composta pelos diversos conteúdos abordados e respetivos elementos de avaliação. Esta estratégia apesar de ser mais trabalhosa para os professores acaba por ter vários aspetos positivos: os professores conseguem facilmente analisar o progresso dos alunos ao longo do ano e quais os conteúdos onde mostram mais dificuldades; além disso, caso seja necessário, os professores poderão mostrar estas informações aos Encarregados de Educação (EE) para os esclarecer relativamente às classificações dos seus educandos.

Neste ano letivo ficou aprovado em Conselho Pedagógico que os alunos passavam a poder utilizar equipamentos tecnológicos em sala de aula desde que sejam utilizados como um instrumento de trabalho e com a permissão do professor. A medida é vantajosa quando utilizada corretamente por parte dos alunos. É necessário o professor incutir uma boa utilização dos equipamentos para que as várias tarefas propostas decorram sem problemas. No contexto da disciplina de Educação Física, propus aos alunos a elaboração de um trabalho escrito, durante a aula, com o auxílio dos telemóveis para pesquisarem na Internet. A facilidade de acesso à informação possibilita a elaboração de trabalhos com mais qualidade do conteúdo desde que devidamente orientados pelo professor.

Por último, ficou aprovado que não é permitido mandar Trabalhos Para Casa (TPC), mas sim, promover o trabalho em casa, ou seja, os professores devem sugerir na sua aula tarefas que os alunos podem realizar para rever/estudar a matéria (por exemplo, o livro de atividades). Apesar desta medida não ter um grande impacto na disciplina de Educação Física, é fundamental os alunos aprenderem a gerir o seu tempo livre. Não havendo a obrigatoriedade de realizar TPC, os alunos poderão aproveitar este tempo para estudar matérias onde sintam maior dificuldade.

2.2 Grupo de Educação Física

O Grupo de Educação Física (GEF) era composto por 19 professores, incluindo os 4 professores estagiários, 2 estagiários da Faculdade de Motricidade Humana e 2 estagiários da Universidade Lusófona. O grupo incluía professores com menos anos de experiência de lecionação e também outros com mais experiência. Esta diversidade foi fundamental para trocar ideias e percepções acerca da disciplina.

Regularmente eram marcadas reuniões de grupo com diversos objetivos, consoante o momento em que aconteciam. No início do ano letivo a reunião teve como objetivo orientar e preparar o ano letivo e definir o Plano Anual de Atividades. Ao longo do ano surgiram vários propósitos: orientar e avaliar o trabalho realizado nas diversas atividades que se encontravam no Plano Anual de Atividades, aprovar e discutir documentos orientadores da disciplina e definir estratégias e metodologias para o planeamento, condução e avaliação das aulas e dos alunos. Estes momentos também serviram para tirar dúvidas que pudessem surgir durante o ano letivo, especialmente aos professores novos na escola. Todas estas reuniões serviram como momento de aprendizagem e para orientar o meu trabalho com a turma que lecionei ao longo do ano letivo.

Como consequência destas reuniões surgiram vários documentos orientadores da disciplina para os professores: o Perfil do Aluno (Anexo 2) onde se encontram os critérios e situações de avaliação e indicadores para os diferentes níveis; o Plano Plurianual (Anexo 3) onde se encontram as matérias a lecionar por ano de escolaridade de forma a facilitar o planeamento e também para promover aprendizagens mais significativas; e, por fim, os Critérios de Avaliação da disciplina nas diversas áreas, por ano de escolaridade. Todos estes documentos já estavam elaborados previamente de outros anos letivos tendo como referência os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF). Contudo, foram realizadas algumas alterações em grupo consoante os resultados que tinham sido obtidos nas provas globais e de aferição do ano anterior. Todos estes documentos serviram de base para todo o trabalho que desenvolvi ao longo do Estágio Pedagógico. Previamente ao início do ano letivo utilizei o Plano Plurianual para definir quais as matérias a serem avaliadas durante a Avaliação Inicial e também quais a serem trabalhadas ao longo do ano. O Perfil do Aluno ajudou-me a construir grelhas de observação para mais facilmente poder observar os critérios de êxito e registar as competências que os alunos conseguiam ou não cumprir.

Ao longo do ano desenvolveram-se várias atividades do grupo quer na escola como noutros espaços exteriores. Para todas elas a sua preparação, organização e avaliação era discutida em reunião com todos os professores. Nestes momentos eram também

atribuídas várias funções aos diversos professores do grupo. Através das reuniões consegui aprender vários aspetos a ter em conta na organização de eventos e também as várias funções que são necessárias e que se deve ter em consideração.

A partilha de informações e conhecimentos entre professores é fundamental para melhorarem as suas práticas. Ao longo do ano realizaram-se duas formações internas com o objetivo de ajudar os professores a melhorar a sua atuação nas suas turmas. No início do ano foi realizada uma votação para se decidir quais as matérias em que se iria realizar a formação. Ficaram escolhidas a Dança e a Orientação. Foram abordadas informações pertinentes para a lecionação das matérias, tais como formas de organização, progressões e *feedback*. Ambas serviram para melhorar a minha atuação em aula com a turma e também no planeamento e na organização da atividade para garantir que o maior número de alunos estivesse em prática e motivado para a mesma.

Todos os anos são realizadas as provas de aferição e as provas globais nas turmas de 7º e 9º ano, respetivamente. As provas de aferição decorreram no início do ano letivo para analisar o nível inicial dos alunos. Estes dados serviram para se aferir o Plano Plurianual mas também para me ajudar no registo do nível dos alunos. As provas globais ocorrem no final do ano letivo e têm vários objetivos. Pretendem controlar, como avaliação externa, o processo do ensino básico; é uma validação da opinião que o professor tem sobre os alunos nas várias matérias em que são avaliados e fornece, tal como acontece nas provas de aferição, *feedback* acerca do plano plurianual. Estive presente nos dois momentos como avaliadora e foi um momento de aprendizagem, especialmente na análise e interpretação dos critérios de observação dos diferentes níveis. Estes momentos ajudaram-me a compreender melhor os níveis nas diferentes matérias e também a avaliar melhor os meus alunos ao longo do ano.

Devido às várias lacunas demonstradas pelos alunos do AEC ao entrar no 5º ano nas várias matérias do currículo, o GEF passou a intervir nas aulas de Educação e Expressão Físico-Motora (EEFM). Alguns professores deslocaram-se semanalmente para lecionar esta disciplina a turmas do 4º ano. Eu estive a ajudar a professora responsável numa das escolas do 1º Ciclo do Agrupamento.

2.3 Espaços

A Escola Básica e Secundária de Carcavelos dispõe de cinco espaços para a prática de Educação Física e, ocasionalmente, seis. Estão divididos em Pavilhão 1, Exterior 1, Pavilhão 2, Exterior 2 e Ginásio. No Pavilhão o espaço é dividido a meio, de forma a estarem duas turmas em funcionamento em simultâneo. Apesar de ser um espaço polivalente e com excelentes condições materiais, por vezes era fundamental ter todo este espaço disponível apenas para uma turma. Muitas vezes tive algumas dificuldades em projetar a voz de forma a que toda a turma pudesse ouvir as informações que tinha a dar. O espaço exterior 1 possui três campos de voleibol (em que um dos campos não tem a rede e postes montados de forma a ter um espaço disponível para realizar outras modalidades) e um campo de basquetebol. Já o espaço exterior 2 possui um campo de basquetebol, um campo de andebol e uma pista de atletismo com caixa de areia. Apesar de serem espaços sob influência das condições atmosféricas, são os únicos disponíveis para lecionar Futebol e Andebol em campo inteiro. Sendo um espaço aberto, apesar de ter a mesma dificuldade de projetar a voz como aconteceu no Pavilhão, aqui já não era tão presente o barulho de fundo causado pela turma que estivesse ao meu “lado”. O Ginásio é o espaço ideal para abordar Ginástica, devido às condições materiais do mesmo e também Dança, pelo facto de apenas uma turma se encontrar neste espaço. Para além destes espaços existe ainda uma sala teórica com capacidade para uma turma onde realizei alguns testes ou, quando era necessário, eram transmitidas informações importantes à turma.

A rotatividade dos espaços durante as seis semanas de avaliação inicial era semanal e posteriormente era quinzenal. A rotação dos espaços era Pavilhão 1 > Exterior 1 > Pavilhão 2 > Exterior 2 > Ginásio e depois recomeça no Pavilhão 1. O *roulement* é fundamental para a definição das matérias a abordar durante as aulas e dos objetivos, tendo em consideração a polivalência dos espaços. Esta rotatividade permitiu-me não só passar frequentemente por todos os espaços mas também, devido à permanência de duas semanas em cada espaço, garantir alguma continuidade nas matérias e conteúdos abordados ao longo do ano.

2.4 Turma

Para caracterizar a turma foi aplicado um inquérito durante a aula de Educação Física com algumas perguntas de forma a poder conhecer melhor os alunos. Para além disso, os alunos tiveram de preencher um inquérito interno da escola (INOVAR).

A turma que lecionei era do 7º ano de escolaridade, composta por 30 alunos, sendo 17 do sexo feminino e os restantes 13 do sexo masculino. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos. Na turma seis alunos eram novos na escola, sendo que os restantes já se encontravam na mesma.

Nesta turma existiam dois alunos com necessidades educativas especiais (NEE). Um aluno foi diagnosticado com dislexia e défice de atenção. De forma a controlar este problema o aluno encontrava-se medicado para ultrapassar as suas dificuldades. Apesar disso, este aluno não apresentava dificuldades motoras. À outra aluna com NEE foi diagnosticada uma psicose pela equipa de médicos de pedopsiquiatria. A aluna não apresentava um padrão motor tão desenvolvido como o dos seus colegas, sendo necessário criar objetivos específicos para ajudar a superar as dificuldades da mesma. Foi necessário ao longo do ano desenvolver algumas atividades com um nível de dificuldade mais baixo para que as tarefas fossem adequadas ao seu nível de aprendizagem.

De forma a avaliar as relações na turma foi aplicado um teste sociométrico com três questões onde os alunos deveriam colocar os três colegas de turma com que gostariam de realizar os vários cenários indicados na questão por ordem de preferência.

Um dos resultados facilmente observáveis a partir da matriz sociométrica são os índices sociométricos – número de vezes que cada aluno foi escolhido em cada um dos critérios, estes indicam a posição sociométrica de cada aluno na turma.

Consegui saber quais os alunos mais aceites, mas também quais os que não estavam integrados a partir dos índices sociométricos de cada um. As escolhas recíprocas entre os alunos permitiram observar as relações e os grupos existentes na turma. Como professora, estes resultados foram úteis para a formação de grupos que foi realizada ao longo do ano. Esta variava conforme o objetivo que tinha para os Planos de Unidade de Ensino (PUE). Ou seja, por vezes coloquei alunos que sabia que juntos estariam empenhados nas tarefas propostas em aula, mesmo que os seus níveis fossem diferentes. Noutros casos decidi privilegiar grupos com um nível superior para permitir o seu desenvolvimento e progresso ao longo das aulas, mesmo sabendo que estes alunos não se tinham escolhido reciprocamente no teste sociométrico. Por fim, tentei ainda promover oportunidades de contacto social entre alunos que não se escolheram no teste. Desta forma tentei criar um momento de interação entre os alunos para que todos se integrassem na turma.

3 Participação na Escola

3.1 Educação Física

Uma das áreas com maior incidência no estágio foi, sem dúvida, a lecionação das aulas de Educação Física. Nesta área os objetivos repartiram-se por três âmbitos: o Planeamento, a Condução do Ensino e a Avaliação.

Para orientar o planeamento de todos os documentos é necessário analisar o projeto de Educação Física da escola. Desta forma os professores poderão orientar e organizar o seu trabalho segundo os mesmos documentos para haver um trabalho direcionado para os mesmos objetivos. No caso da EBSC existem vários documentos que me ajudaram ao longo do ano na preparação das aulas assim como nos momentos de avaliação. O Perfil do Aluno, elaborado pelo GEF, tendo como referência os Programas Nacionais de Educação Física, foi essencial ao longo do ano letivo pois aí encontram-se as situações de aprendizagem em que os alunos devem ser avaliados e quais os critérios de êxito que estes devem realizar consoante os diferentes níveis (Introdutório, Elementar e Avançado). Para que haja uma articulação vertical do currículo, de forma a serem atingidas as metas nos finais de ciclo, a escola possui um Plano Plurianual onde me baseei para estabelecer objetivos e definir quais as matérias onde iria incidir mais ao longo do ano letivo.

Previamente ao início do ano letivo foi necessário planear a 1.^a Etapa – a Avaliação Inicial - cujo propósito consiste em analisar as aptidões e dificuldades dos alunos da turma para que se possa orientar o trabalho ao longo do ano. Contudo, em alguns momentos do ano foi necessário reajustar os objetivos que tinham sido propostos. Para além disso, esta etapa também permite: recolher dados para orientar a formação de grupos, identificar as matérias prioritárias e quais os aspetos críticos do seu desenvolvimento, definir prioridades de desenvolvimento para a etapa seguinte (2.^a etapa), estabelecer normas de funcionamento e rotinas de organização e criar um bom clima de aula (Carvalho, 1994).

Esta etapa teve uma duração de seis semanas no meu caso pois o ano letivo teve início a uma quarta-feira e eu apenas tinha aulas à quinta e sexta-feira. Para a calendarização desta etapa tive em consideração não só os espaços onde me encontrava, mas também os recursos materiais dos mesmos. Sendo esta uma etapa em que se pretende avaliar um elevado número de matérias, foi essencial que as aulas tivessem um carácter politemático. Apenas desta forma os alunos poderiam contactar com a mesma matéria pelo menos duas vezes durante esta etapa. Esta decisão foi tomada por conselho da orientadora de estágio e acabou por ser uma boa solução para conseguir avaliar todos os alunos nas diferentes matérias.

Para o registo da avaliação dos alunos foram criadas grelhas de observação com os critérios de êxito presentes no Perfil do Aluno. Estas eram preenchidas, geralmente, no final das aulas. Porém, tive dificuldade em conciliar a observação e registo das mesmas enquanto tentava acompanhar e dar *feedback* aos alunos. Estando também no início da minha formação sentia alguma insegurança nas minhas capacidades o que influenciou a minha atuação durante a etapa. A autoeficácia é um aspeto fundamental num professor pois “influencia a sua capacidade, determinação, esforço e motivação durante a atividade de ensino” (Bandura, 1997 cit in. Martins; Onofre; Costa, 2014, p.29). Uma estratégia utilizada ao longo desta etapa foi o recurso a alunos que não estavam em prática, por motivo de doença ou falta de material, para efetuarem os registos nas grelhas de observação sob a minha supervisão. Apesar de ser um risco colocar alunos a avaliar os colegas, tentei sempre posteriormente verificar a avaliação que estes alunos realizaram para garantir que esta estivesse de acordo com os objetivos propostos. Esta estratégia acabou por ser mais vantajosa por me permitir acompanhar e dar *feedback* aos alunos durante a aula.

Durante a elaboração dos planos de aula todos os critérios eram revistos para informar a turma dos objetivos das várias matérias abordadas, mas o acompanhamento dos alunos revelou-se uma dificuldade na identificação dos erros e no *feedback*. A falta de conhecimento pedagógico do conteúdo de algumas matérias foi a principal razão para eu ter sentido estas dificuldades. Para colmatar este problema poderia ter estudado mais os objetivos que estavam a ser propostos aos alunos, algo que realizei em algumas matérias em que me sentia menos à-vontade, como no Futebol e Andebol. Para além disso considero que teria sido uma mais-valia observar treinos destas modalidades para analisar quais os erros mais comuns, qual o *feedback* mais adequado para corrigir esses mesmos erros e aprender exemplos de exercícios que pudesse realizar para avaliar determinado objetivo. Ao longo do 1.º e 2.º períodos por observar as aulas não só do meu colega de estágio mas também da orientadora e de outros professores da disciplina, fui melhorando a minha capacidade de observação e, consequentemente a deteção dos erros e posterior *feedback*. A observação dos *feedbacks* que eram fornecidos aos alunos e a resposta dos mesmos foi fundamental para compreender qual o *feedback* mais adequado para que houvesse alterações na execução das tarefas. A minha participação nas Provas de Aferição também contribuiu para a minha evolução neste aspeto, pois os professores puderam partilhar estratégias para detetar os erros e exercícios que poderiam ser propostos para que os alunos melhorassem nesses aspetos.

Outra dificuldade sentida nesta fase e que se manteve ao longo do primeiro período foi a projeção de voz. Devido à minha inexperiência na lecionação, nunca senti necessidade de projetar a minha voz para um grande grupo de pessoas num espaço amplo e, por vezes, com barulho de fundo como acontece, por exemplo, no pavilhão. Uma consequência deste problema era não conseguir captar a atenção dos alunos, pois como estes não conseguiam ouvir as instruções que lhes fornecia, acabavam por entrar em comportamentos de desvio. Após conferências realizadas com a minha orientadora e colega de estágio, passei a questionar os alunos que estavam distraídos para conseguir captar a atenção dos mesmos e também para servir de exemplo para outros que pudessem estar a conversar. Além disso, o *feedback* à distância inicialmente era pouco frequente, mas ao longo do ano este aspeto foi melhorando com um propósito de controlo e motivação da turma. Relativamente à projeção de voz não arranjei nenhuma estratégia para trabalhar este aspeto fora das aulas, embora tenha melhorado ao longo dos períodos.

O diagnóstico dos alunos foi uma das dificuldades sentidas durante esta etapa pois, apesar dos critérios de observação serem objetivos, por vezes a observação acabava por ser subjetiva. Devido ao elevado número de matérias estipuladas para avaliar no decorrer desta etapa e à limitação do tempo da etapa, os alunos tiveram pouco tempo de prática para cada matéria. Aliada a estes dois fatores, a minha inexperiência contribuiu para que o nível diagnosticado a alguns alunos não tenha sido o adequado. A avaliação contínua das aprendizagens permitiu a observação regular do desempenho dos alunos nas diferentes matérias, possibilitando que fosse adequando o diagnóstico que tinha sido inicialmente atribuído. Assim, fui conseguindo reorientar os objetivos definidos para os alunos. Com a experiência que obtive neste ano de estágio, de forma a otimizar o tempo desta etapa, passaria a avaliar inicialmente o nível de jogo e só depois avaliar os alunos que não estão de acordo com o nível atribuído ao jogo.

Nos momentos de instrução inicial tentei sempre referir as normas de funcionamento da aula, as matérias a abordar e os critérios de sucesso das mesmas, utilizando por vezes a demonstração. Porém, nem sempre abordava todos os tópicos referidos anteriormente, proporcionando problemas de indisciplina, um clima pouco favorável à aprendizagem e desmotivação dos alunos. Nas etapas seguintes já houve uma maior preocupação especialmente na transmissão dos critérios de sucesso, diferenciando por grupos de trabalho ou por aluno em matérias como a Ginástica, notando-se algumas diferenças na postura dos alunos durante as aulas. Maioritariamente os alunos mostravam-se mais empenhados e focados nas tarefas propostas durante as aulas, tendo noção daquilo que tinham de trabalhar para melhorar o seu desempenho.

O balanço final sempre foi pouco explorado e utilizado nas aulas. Considero que este é essencial para realçar os aspetos positivos e negativos da aula, para fazer um balanço das aprendizagens dos alunos, para salientar comportamentos que deverão ser evitados e referir os erros mais comuns e estratégias para os corrigir. Devido à minha má gestão do tempo nem sempre fiz este balanço aos alunos, influenciando negativamente as suas aprendizagens, visto que estes não sabiam os aspetos que podiam melhorar e como poderiam fazê-lo corretamente.

As Provas de Aferição às turmas de 7.º ano decorreram nesta etapa, na qual também participei. Estas são fundamentais para aferir o processo de avaliação entre os vários professores, ou seja, garantir que os parâmetros de avaliação são cumpridos, mantendo a objetividade do processo. No meu caso, ajudou-me a compreender como é feita a avaliação dos alunos (quais os critérios de êxito a observar, os indicadores que facilitam essa observação e a importância da objetividade) e facilitou-me a avaliação das matérias previamente estabelecidas para serem avaliadas (Andebol, Voleibol, Ginástica de Solo e de Aparelhos).

Após a avaliação inicial foi necessário fazer a avaliação intercalar da disciplina. Para isso realizei uma avaliação qualitativa dos alunos quanto ao seu aproveitamento e também ao comportamento, utilizando uma escala do Insuficiente até ao Muito Bom. Além disso, também acrescentei um pequeno texto para os alunos que achei necessário. Neste texto valorizava o bom trabalho que os alunos estavam a desenvolver nas aulas e, na situação de outros alunos, especificuei aquilo que poderiam ainda melhorar nas aulas. Apesar de a avaliação final dos alunos ser quantitativa, considero fundamental que haja esta avaliação qualitativa para os alunos poderem ter noção do trabalho que estão a realizar e como se encontram em relação aos objetivos propostos. Desta forma tentei contribuir não só para o progresso do processo ensino-aprendizagem, mas também para orientar o aluno na “procura e alcance do sucesso na disciplina” (Ministério da Educação, 2001, p.27). O comportamento tinha apenas a apreciação das competências comuns. Apesar de nos PNEF este estar englobado nas várias matérias, acho importante informar os alunos do seu comportamento em aula. Um aspeto que teria sido essencial realizar após esta primeira etapa teria sido enviar um documento para os Encarregados de Educação (EE) com as avaliações dos seus educandos nas três áreas e também uma síntese com uma apreciação global do desempenho do aluno. Neste documento incluiria também as competências que poderia trabalhar e melhorar nas aulas. No entanto, não consegui produzir este documento em nenhuma das etapas devido à falta de tempo e organização para a elaboração do mesmo. Considero que este instrumento teria sido essencial para os

alunos terem uma melhor percepção dos objetivos a cumprir ao longo do ano e qual o estado em que se encontravam face a estes objetivos.

O planeamento é o processo fundamental para orientar o trabalho a elaborar ao longo do ano, de forma a potencializar as aprendizagens significativas dos alunos (Matos, 2010). Com base nesta afirmação, após a primeira etapa, elaborei a calendarização anual das matérias, aptidão física e dos conhecimentos para prosseguir com o plano de etapa e unidade de ensino. Estes planos foram criados previamente à conclusão do Plano Anual de Turma (PAT) devido à necessidade dos mesmos para lecionar as aulas. Ainda assim, o PAT (Anexo 4) foi criado com a maior brevidade possível devido à importância do mesmo para o planeamento das etapas do ano letivo. Este documento deve conter os objetivos estabelecidos para todos os alunos da turma, diferenciando consoante o prognóstico estabelecido após a avaliação inicial de forma a que todos os alunos desenvolvam as suas competências nas matérias definidas como prioritárias (Ministério da Educação, 2001). Estes objetivos foram definidos através das informações obtidas durante a avaliação inicial tendo em consideração os recursos materiais, espaciais e temporais. Apesar de ter avaliado todas as matérias durante a avaliação inicial, para o planeamento do ano letivo tive em consideração o Plano Plurianual da escola para definir as matérias prioritárias a trabalhar com os alunos durante o ano letivo. Procurei organizar o trabalho de forma a garantir uma articulação vertical do currículo e para que progressivamente fossem atingidas as metas no final do ciclo. Foram também estabelecidos objetivos para os alunos em cada etapa e nas três áreas de extensão da Educação Física. Apesar de este documento ser essencial para o planeamento de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano, senti dificuldades na elaboração do mesmo. A elaboração de um documento para uma realidade nunca antes experienciada e com o qual não me encontrava familiarizada foi a origem da minha dificuldade. Esta situação também é confirmada por Griffey e Housner (1991) no seu artigo onde mostram as diferenças entre os professores com experiência e sem experiência. Uma das estratégias que poderia melhorar este aspeto seria a existência de documentos que pudessem guiar a construção do PAT, tal como é referido em Inácio, Graça, Lopes, Lino, Teles, Lima e Marques (2014). Outra estratégia que poderia ser utilizada para a elaboração do PAT e de outros planos fundamentais como de etapa e de unidade de ensino seria formular, previamente ao início do ano letivo, entre o núcleo de estágio e as orientadoras, diretrizes para a estrutura e construção destes documentos. Este aspeto seria benéfico para a promoção da reflexão conjunta entre os estagiários e as orientadoras (Inácio et al., 2014). Apenas no 2.º Período, devido às dificuldades que

demonstrei na elaboração destes documentos, é que acabaram por ser formuladas diretrizes para me auxiliarem.

Posteriormente ao plano de etapa foram criados os planos de unidade de ensino. Nestes podem encontrar-se todas as opções estratégicas e organizativas, os planos de aula tipo, os objetivos para cada matéria a ser abordada consoante os alunos e também os meus objetivos de formação (Anexo 5). Também incorporava documentos necessários para as aulas como fichas de observação (Anexo 6), fichas de aula para os alunos que não estavam em prática (Anexo 7) e fichas de apoio (Anexo 8). O planeamento das aulas era realizado como uma unidade, ou seja, um conjunto de aulas com objetivos iguais ou semelhantes em que a sua estrutura não varia muito. São propostas situações de aprendizagem que vão sendo repetidas durante a unidade para promover a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos nas diferentes matérias. Esta organização das aulas permite que os alunos percebam a sua estrutura, não sendo necessário despende tanto tempo nas questões de organização. Contudo, nas primeiras unidades de ensino a estrutura das aulas que planeava alterava-se constantemente o que me obrigava a gastar muito tempo na organização. Ao longo do tempo foi-me aconselhado planear uma aula tipo e manter a sua estrutura durante a unidade de ensino para garantir que houvesse uma continuidade de forma a que os alunos trabalhassem os mesmos objetivos durante este tempo e para não gastar tanto tempo a planear as aulas e em questões organizativas.

Inicialmente houve alguns aspetos que não inclui nos planos de unidade de ensino e apenas com a experiência é que comecei a compreender a importância e a necessidade de colocar estas informações nestes planos. Um aspeto que não foi planeado inicialmente nas unidades de ensino, pelas mesmas razões apontadas anteriormente, foram os planos de aula alternativos. A planificação destas aulas ajudou-me a lecionar mesmo em condições mais adversas, estabelecendo objetivos para os alunos adequados às suas capacidades e trabalhando as várias matérias definidas para a unidade de ensino.

Outro documento que acrescentei posteriormente aos planos de unidade de ensino, por conselho das minhas orientadoras, foi a ficha de apoio (Anexo 8). Esta ficha era afixada durante as aulas e continha as competências que cada aluno tinha de desenvolver consoante a matéria lecionada. Esta estratégia foi fundamental para os alunos saberem em concreto aquilo que tinham de realizar para poderem evoluir consoante os objetivos que tinha definido. A utilização desta ficha permitiu aos alunos estarem mais conscientes das competências que já tinham adquirido e quais as que ainda tinham de desenvolver para cumprir os níveis. Desta forma os alunos encontravam-se mais empenhados nas aulas e sentiam-se mais responsabilizados pelas suas aprendizagens.

Por último, devido à minha dificuldade em definir prioridades na minha atuação com os alunos e por conselho das minhas orientadoras para ultrapassar esta adversidade, incluí nos planos de unidade de ensino quais os alunos/grupos prioritários e como seria o meu deslocamento durante a aula. Esta alteração proporcionou uma atuação mais eficaz, potencializando as aprendizagens dos alunos, pois já tinha organizado e planeado previamente todos estes aspetos que são fundamentais na lecionação.

De forma a melhorar a minha atuação durante o ano de estágio e diminuir estes erros acima descritos, considero necessário, durante as etapas de formação anteriores ao estágio, passar por momentos de lecionação semelhantes ao contexto em que me encontrei de forma a compreender a necessidade e importância de incorporar estas informações nos meus planos.

Após a avaliação inicial, iniciou-se a etapa de recuperação e revisão. Neste período foram abordadas poucas matérias, apenas as definidas como prioritárias, de forma a incidir nas matérias em que mais alunos não atingiam o nível Introdutório. Adotei esta estratégia para garantir que os alunos com mais dificuldades tivessem um maior tempo de prática e melhorassem as suas capacidades de forma a criar um nível mais homogêneo na turma.

Uma opção que tomei durante esta fase foi a de formar grupos homogêneos. Tomei esta decisão para facilitar a minha ação com os alunos e por ser mais fácil criar tarefas adequadas aos grupos estabelecidos. Porém não foi a mais adequada pois, sendo uma etapa de recuperação, considero mais vantajoso formar grupos heterogêneos para os alunos com mais facilidade assumirem o papel de agentes de ensino. Desta forma, estes alunos podiam servir de exemplo aos alunos com mais dificuldades e ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades. No futuro irei privilegiar os grupos heterogêneos pelas razões acima descritas.

O maior desafio que tive ao longo do ano letivo foi conseguir integrar a aluna com NEE. Esta apresentava um padrão motor semelhante ao dos seus colegas mas cognitivamente mostrava dificuldades em compreender as tarefas que eram pedidas e em executá-las. Para isso, propunha tarefas com um menor grau de dificuldade mas com objetivos semelhantes ao dos colegas. Em matérias como o Voleibol colocava-a a trabalhar com alunos que servissem de agentes de ensino. Esta estratégia mostrou resultados positivos no desempenho e motivação da aluna. Outro aspeto que tinha sempre preocupação era dar primeiro *feedback* positivo para motivar a aluna e só depois salientar os aspetos onde poderia ainda melhorar. Em matérias como a Ginástica tinha de manter uma presença constante para que a aluna realizasse o que lhe era solicitado. Devido às

dificuldades da aluna sentia necessidade da presença de um professor de Educação Especial para auxiliar a aluna e potenciar os resultados. Contudo, foi uma experiência enriquecedora ter esta aluna na turma pois obrigou-me a planejar tarefas específicas para a mesma para que se adequassem às suas dificuldades e para potenciar o seu desenvolvimento.

“Um sistema de avaliação descreve um processo de recolha, interpretação e divulgação de evidências, mas orientado por um propósito definido à partida” (Araújo & Diniz, 2015, p.43). Partindo desta afirmação, a avaliação formativa foi sempre uma preocupação nas minhas aulas, com o propósito de assegurar o progresso das aprendizagens dos alunos. Esta avaliação sistemática e contínua permitia orientar as minhas tomadas de decisão. Para isso, o registo constante das aprendizagens dos alunos permitiu-me verificar o seu progresso face aos objetivos definidos e ajustar sempre que necessário para assegurar os objetivos da aprendizagem. Sendo esta avaliação um fator chave, é necessário planejar a avaliação, observar as aprendizagens, analisar e interpretar o que foi observado e fornecer *feedback* aos alunos (Araújo & Diniz, 2015). Porém, este registo nem sempre foi realizado da maneira mais adequada, resultando em algumas dúvidas durante o registo das observações realizadas durante a aula. A falta de planeamento e calendarização de prioridades de observação e de acompanhamento também contribuiu para este problema. A introdução destes aspetos nos planos acabou por surgir na última unidade de ensino da 3.^a Etapa, por sugestão das professoras orientadoras. A definição de prioridades para as várias aulas da unidade de ensino facilitou a minha atuação com os alunos e também a avaliação dos mesmos.

Relativamente ao *feedback*, é fundamental ter em atenção os vários tipos de alunos que se encontram numa turma. Tendo em consideração o fator emocional que esta avaliação (formativa) poderá ter na motivação dos alunos, o *feedback* deverá ser construtivo e focar-se apenas no trabalho desenvolvido pelos alunos e não na pessoa (Araújo & Diniz, 2015). Neste ano de estágio, o *feedback* que fornecia aos alunos foi regularmente apontado como uma dificuldade. Devido à minha personalidade introvertida, o acompanhamento e *feedback* das tarefas em aula eram várias vezes prejudicados, resultando numa postura mais observadora. Sendo o *feedback* uma ferramenta essencial com vista à melhoria das aprendizagens dos alunos, foi fundamental trabalhar na minha atuação ao longo do ano para poder providenciar informações sobre as suas aprendizagens. Inicialmente era-me difícil identificar os erros dos alunos e corrigi-los de forma adequada, mas progressivamente este aspeto foi melhorando ao longo do ano. O estudo autónomo das matérias em que tinha menor conhecimento pedagógico do conteúdo

e a observação regular das aulas do meu colega de estágio e da professora orientadora ajudaram-me a ultrapassar esta dificuldade e a obter mais conhecimentos para haver um acompanhamento mais adequado. Ainda assim, em algumas matérias deverei continuar a apostar neste estudo para tornar a minha atuação mais adequada às várias necessidades dos alunos. Só assim me poderei tornar uma docente mais completa, proporcionando mais aprendizagens nos alunos.

Apesar de no final do ano já fornecer mais *feedbacks* aos alunos, o ciclo de *feedback* continuou a ser um aspeto relativamente ao qual não consegui realizar grandes evoluções. Como inicialmente a minha prioridade era fornecer *feedback* aos meus alunos e também melhorar a qualidade dos mesmos, só na última etapa é que comecei a ter mais preocupação em concluir o ciclo, ou seja, garantir que houvesse uma alteração no comportamento dos alunos depois de dar *feedback* e, caso fosse necessário, fornecer novamente alguma orientação para os alunos poderem melhorar. Porém, devido ao elevado número de alunos, tornava-se difícil fornecer *feedback* e manter-me focada apenas num aluno quando tinha o resto da turma também em atividade. Um planeamento cuidado e detalhado, definindo as prioridades e a minha atuação durante a aula foi essencial para progredir e melhorar neste aspeto e é algo em que devo continuar a investir para garantir que, no futuro, haja mais aprendizagens na turma.

Os comportamentos fora da tarefa foram uma questão que, inicialmente, não foram trabalhados e ao longo do tempo houve um aumento dos mesmos, prejudicando as aprendizagens não só dos alunos que entravam nestes comportamentos, assim como dos restantes. Apesar de ser mais fácil repreender o aluno que entra neste tipo de comportamentos, é fundamental fazer uma reflexão do contexto em que o aluno está inserido e que variáveis é que levaram a concorrer para o resultado final, o comportamento de desvio (Mendes, 1999). A formação dos grupos também tinha um grande impacto nos comportamentos dos alunos. Consoante os objetivos que eram definidos para as tarefas propostas, a formação de grupos era planeada para garantir o alcance destes mesmos objetivos, mas tendo também em consideração alguns aspetos como o número de alunos do sexo masculino. Tal como Mendes (1999) concluiu no seu estudo, uma das variáveis que prediz os comportamentos de indisciplina é o número de alunos do sexo masculino na turma. Apesar de ter em consideração este fator e de tentar separar os alunos dos grupos que potencialmente sabia que poderiam causar distúrbios em aula, também houve momentos em que procurei proporcionar um trabalho em conjunto com estes alunos. Para isso era essencial definir objetivos claros e que fossem desafiantes para que se mantivessem focados durante a aula. Outras variáveis que também têm influência nos

comportamentos dos alunos são o tempo de organização e o tempo de prática. Tal como já referi anteriormente, tive dificuldades a nível da organização da aula devido a um planeamento com lacunas neste parâmetro. Um maior investimento na preparação das aulas seria vantajoso para garantir que este tempo era reduzido ao máximo para também potenciar o tempo de prática dos alunos, também referido anteriormente.

Para diminuir os comportamentos de desvio dos alunos, deveria ter focado na etapa inicial do ano letivo o estabelecimento de regras com os alunos. Em algumas aulas tentei estratégias como sentar os alunos que entravam em comportamentos de desvio ou enviar recados nas cadernetas dos alunos que não tiveram uma postura e comportamento adequados a uma aula. Porém estes eram apenas aplicados em uma ou duas aulas e rapidamente voltava apenas a chamar a atenção destes alunos, não surgindo qualquer efeito. Um dos fatores que considero essenciais para combater estes comportamentos é manter as regras até ao fim para que os alunos compreendam que há consequências para os seus atos. Uma estratégia que poderia ter utilizado inicialmente era propor aos alunos que dessem as suas sugestões de regras a ser aplicadas em aula. Depois, analisando as suas propostas e chegando a um acordo entre todos, eram aplicadas estas regras. Desta forma estaria a envolver os alunos neste processo e seriam responsabilizados pelas regras que eles definiram. Futuramente o estabelecimento de regras e rotinas será uma prioridade na etapa inicial para garantir que, ao longo do ano, estes problemas estejam resolvidos.

Durante o ano de estágio senti que uma das áreas menos exploradas foi a aptidão física. Este aspeto ocorreu devido a um fraco planeamento desta área assim como a uma má gestão do tempo das aulas. Desta forma, o tempo de prática nesta área foi pouco ou mesmo inexistente, contribuindo para o insucesso de alguns alunos na avaliação da mesma. Sendo uma das finalidades da Educação Física “melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno” (Ministério da Educação, 2001, p.6), era fundamental integrar esta área no maior número de aulas para garantir que houvesse uma intensidade elevada nas mesmas. Nas aulas em que apliquei tarefas com vista a trabalhar a aptidão física, os alunos mostraram-se mais focados e empenhados nos exercícios propostos. Observando este facto, teria sido vantajoso aplicar tarefas regularmente para criar mais intensidade nas aulas e também para manter os alunos focados, nas tarefas propostas. No futuro considero essencial tentar que em todas as aulas haja uma intensidade elevada das tarefas propostas para garantir que os alunos estejam focados mas também motivados durante a abordagem desta área.

Relativamente aos conhecimentos, estes foram abordados ao longo do ano letivo, tendo em consideração a data do teste comum da disciplina que decorreu na última etapa. Procurei utilizar diferentes estratégias de lecionação dos conteúdos desta área. Inicialmente aproveitei os momentos de instrução e de balanço final para trabalhar esta área de uma forma mais expositiva e, quando necessário, utilizava o questionamento para perceber se a informação que era transmitida também era compreendida. Porém, após os resultados do mini-teste aplicado no 1.º Período, compreendi que teria de alterar esta abordagem para garantir que os alunos atingiam o sucesso nesta área. Durante o 2.º Período os conhecimentos foram transmitidos em sala de aula através de apresentações em PowerPoint, visualmente apelativas, onde procurei que houvesse maior interação por parte dos alunos para que estes estivessem mais atentos ao que lhes era transmitido. Com esta estratégia já obtive resultados mais positivos e é algo que devo ter sempre em consideração no futuro pois se os alunos estiverem mais envolvidos durante os momentos de transmissão de conhecimentos, também irão dar mais significado às suas aprendizagens.

Após a lecionação das aulas refletia sobre a minha atuação com a turma, considerando os aspetos positivos e também aqueles que achava que devia melhorar. Inicialmente a reflexão que realizava era demasiado superficial focando-me apenas nos resultados e não na causa. Porém, ao longo do tempo compreendi que era mais importante refletir acerca das causas de algumas tarefas terem resultado ou não e como as poderia alterar para que estas pudessem resultar. Só assim poderia alterar os meus comportamentos e melhorar a minha atuação em aula. A reflexão, tendo como preocupação principal as aprendizagens dos alunos, é o fator mais importante da realização das autoscopias. Apesar de inicialmente, devido à falta de experiência na elaboração deste tipo de documentos, o meu foco ser a minha atuação no decorrer da aula, ao longo do tempo fui refletindo mais sobre as questões que pudessem influenciar diretamente as aprendizagens dos alunos. Só assim tive mais consciência das alterações que eram necessárias realizar, especialmente ao nível do planeamento, para garantir que os alunos tivessem as melhores condições para atingir o sucesso na disciplina. Também os balanços, que realizava após a finalização de uma unidade de ensino e etapa, me ajudaram a compreender quais os aspetos que deveria alterar e melhorar na fase seguinte. Como futura docente, é essencial que esta reflexão seja realizada frequentemente para poder ajustar e orientar a minha atuação para garantir que o trabalho realizado com uma turma seja, progressivamente, de maior qualidade.

Posteriormente à minha autoscopia o meu colega de estágio e a minha orientadora também me apontavam os aspetos que tinham sido positivos e aqueles que poderiam melhorar. Esta observação externa da minha aula foi bastante vantajosa pois a visão mais detalhada de comportamentos que tinha durante a aula e de que não me apercebia foi essencial para conseguir melhorar na minha atuação. Além disso, também me foram sugeridas várias estratégias para solucionar problemas que decorriam durante as aulas das quais, possivelmente, nem me lembraria devido à pouca experiência que tinha na lecionação. A supervisão constante da minha experiência de ensino foi um fator essencial para progredir durante o ano de estágio e é algo que deverei procurar no futuro. Só assim poderei ter outras perspetivas que me possam ajudar a melhorar como professora.

A lecionação de um horário completo foi outra atividade trabalhada durante o ano de estágio. Este horário englobou as horas das aulas já lecionadas com a minha turma, o horário de direção de turma, o desporto escolar e a isso eram acrescentadas as horas de outras turmas dos professores do GEF. Selecionei turmas do 2.º Ciclo e do ensino Secundário para contactar com diferentes faixas etárias dos alunos e desafios inerentes a cada ciclo. Tentei sempre planear e adequar a minha intervenção de acordo com as características das turmas e dos alunos.

Previamente à semana a tempo inteiro falei com os professores responsáveis, para que me fornecessem informações importantes acerca das suas turmas: que estratégias, exercícios ou grupos deveria utilizar. Desta forma pude elaborar o planeamento de acordo com as informações que tinha recolhido. Durante esta fase inicial não senti dificuldades, pois os professores foram sempre prestáveis e mostraram-se preocupados em ajudar-me. Relativamente à condução das aulas foi notória a diferença da minha postura entre os alunos do Secundário e os do 2.º Ciclo. Os primeiros, sendo alunos mais velhos, já tinham um nível de autonomia adquirido e rapidamente realizavam as tarefas que eram propostas não sendo necessário gastar tanto tempo na organização da turma. Pude focar-me apenas nas matérias e alunos com maiores dificuldades. Com os alunos mais novos aconteceu exatamente o contrário, especialmente em matérias com que não estavam muito familiarizados. Nas turmas de 2.º Ciclo uma das minhas prioridades foi a organização e orientação dos alunos para trabalharem os objetivos que eram propostos em cada tarefa, enquanto nas turmas de Secundário estive mais focada em ajudar a ultrapassar as dificuldades.

Foi mais desafiante a lecionação ao 2.º Ciclo especialmente ao nível do *feedback* e no acompanhamento dos alunos. Por vezes, devido à falta de conhecimento pedagógico de conteúdo, não conseguia arranjar situações de aprendizagem que fossem adequadas

às dificuldades dos alunos pois acabavam por ser demasiado complexas. O estudo prévio das matérias que foram abordadas e o planeamento de tarefas com variantes de facilidade e de dificuldade ter-me-iam ajudado neste aspeto e é algo que futuramente deverei ter sempre em consideração durante a fase de planeamento para que durante a aula seja mais fácil adequar as tarefas aos diferentes níveis dos alunos.

Além da experiência com o 2.º Ciclo e Secundário, também conduzi duas aulas no 1.º Ciclo autonomamente. Previamente à lecionação das aulas tive de realizar um planeamento das mesmas, indicando as tarefas, os objetivos e o tempo de prática. Como já acompanhava uma das turmas nesta escola, tornou-se mais fácil fazer um planeamento por já conhecer as condições materiais da mesma. As duas aulas decorreram no espaço exterior por ser um espaço mais amplo e por permitir abordar mais matérias. Decidi abordar o futebol, o jogo dos passes e a bola ao capitão. Escolhi estas atividades por se adequarem ao nível dos alunos e por saber que os alunos já as teriam abordado em aulas anteriores, tornando mais fácil a organização dos alunos. A abordagem de uma aula politemática revelou-se uma dificuldade por ter várias tarefas diferentes para controlar. Considero que, ao nível do planeamento poderia ter proposto uma aula monotemática para que todos os alunos estivessem a realizar a mesma coisa num espaço mais reduzido. Assim conseguiria ter um maior controlo da turma e estar mais focada nos alunos que verificasse que apresentavam mais dificuldades. Outra alternativa teria sido abordar mais do que uma tarefa, mas em momentos diferentes, assim garantia os mesmos aspetos apontados anteriormente. Numa fase inicial, com alunos mais novos, deverei procurar ter esta reflexão em consideração para que a minha atuação seja mais adequada. A criação de rotinas será um fator essencial para poder aproveitar as aulas politemáticas com mais sucesso.

Outra dificuldade sentida no 1.º Ciclo foi a falta de objetivos transmitidos que proporcionou alguma confusão e pouco foco por parte dos alunos durante a aula. Isto gerou alguns problemas, tais como o tempo despendido nas rotações e no início das tarefas propostas. Uma das estratégias que poderia ter utilizado nos momentos de instrução era a demonstração. Esta teria sido bastante vantajosa para explicar a toda a turma, simultaneamente, o que deveria ser realizado em cada estação.

Outro aspeto que se revelou no decorrer da aula foi a pouca paciência demonstrada para os alunos. Esta deveu-se à frustração sentida pelo facto de a aula não estar a decorrer conforme planeado e por sentir que os alunos estavam muito dispersos e conflituosos. Por último, a minha maior dificuldade durante a aula foi fornecer *feedback* pertinente. Ou seja, a maioria dos *feedbacks* eram avaliativos em vez de prescritivos ou descritivos para o aluno saber o que estava a fazer e onde podia melhorar. Para além disso, o *feedback* deverá ser

mais positivo, algo que também se mostrou um problema, possivelmente como resultado da frustração referida anteriormente. O ciclo de *feedback* também deveria ter sido garantido para que os alunos melhorassem nas suas ações.

Futuramente, deverei focar-me nos aspetos salientados para melhorar a minha ação com os alunos mais novos. Um planeamento mais cuidado e detalhado, pensando nas várias opções tomadas, será essencial para melhorar a minha atuação neste contexto.

A coadjuvação da professora orientadora numa escola de 1.º Ciclo do Agrupamento contribuiu para o meu desenvolvimento na condução de aulas. A adequação das tarefas ao nível dos alunos e o acompanhamento dos mesmos são uma dificuldade quando é necessário simplificar para os alunos com maiores dificuldades. É fundamental haver um conhecimento mais aprofundado das matérias para conseguir criar variantes de facilidade adequadas às dificuldades demonstradas pelos alunos. Foi também fundamental aprender exercícios criativos, utilizando apenas os recursos materiais disponíveis para trabalhar matérias como, por exemplo, a ginástica. A capacidade de imaginação para criar progressões nesta matéria foi importante para futuramente poder utilizar nas minhas aulas.

3.2 Torneio do Jogo do Mata e de Voleibol

Uma competência a desenvolver durante o ano de estágio é a organização de eventos para a comunidade escolar. Foram realizados dois torneios durante o ano letivo, sendo que o primeiro foi apenas organizado pelo núcleo de estágio da Faculdade de Motricidade Humana e o segundo, de maior dimensão, foi organizado em conjunto com o núcleo de estágio da Universidade Lusófona. Decorreram na segunda etapa nos meses de janeiro e março, o Torneio do Jogo do Mata e o Torneio de Voleibol, respetivamente.

O Torneio do Mata foi destinado apenas aos alunos do 4º ano, contrariamente ao que aconteceu em anos anteriores por se realizar no Pavilhão de Sassoeiros e não no Pavilhão da EBSC. A etapa de preparação e planeamento do torneio foi uma dificuldade para o núcleo de estágio. Devido à falta de experiência na organização de eventos, não sabíamos quais os aspetos a ter em consideração ao planear o torneio para que tudo decorresse conforme previsto e sem problemas. Para nos ajudar, a orientadora facultou-nos o regulamento do torneio concelhio para nos orientar o planeamento e começarmos a analisar os aspetos que deveríamos organizar. Foi elaborado um projeto onde expusemos todas as decisões que iriam ser tomadas previamente à realização do evento.

Foram realizadas formações aos alunos do 10º ano de Turismo e de Desporto. Realizaram-se apresentações com as funções que os alunos teriam de cumprir no dia do Torneio, nomeadamente, assegurar a arbitragem dos jogos e acompanhar os alunos para garantir que estes se encontravam no local planeado a horas. Para além disso tinham de colaborar a montar os campos para que este trabalho ficasse concluído no menor tempo possível.

Devido à inexperiência do núcleo de estágio, no dia do Torneio houve algumas falhas notórias no decorrer do mesmo. As informações dos jogos chegavam ao secretariado com alguma facilidade através do boletim de jogo que era entregue pelos alunos de AGD no final de cada jogo. Tal como consta do balanço do Torneio do Jogo do Mata de Almeida e Vieira (n.d.) “(...) o problema foi a falta de planeamento para registar e juntar estas informações. Por este motivo foi necessário criar uma tabela no momento para registar os resultados de forma a podermos decidir de forma rápida quem ia às finais e quem ganhava os jogos. Através desta tabela, juntamente com um controlo nosso entre os três campos, foi possível gerir bem este processo e permitir orientar as equipas para os respetivos campos onde iriam jogar” (p.4). A falta de preparação de um quadro competitivo para registar as classificações das equipas ao longo do torneio foi uma falha grave no nosso planeamento. Este erro cometido serviu para aprendermos e melhorarmos para no

futuro quando for necessário organizar outro tipo de eventos de maiores dimensões não se cometam os mesmos erros.

A elaboração de uma lista com o nome de todos os alunos de cada turma teria sido útil para as professoras titulares registarem quais os alunos que jogavam em cada parte do jogo. Teria facilitado o trabalho dos árbitros para garantirem que não se repetiam jogadores. Esta estratégia foi utilizada no ano anterior e teria sido benéfico ter aplicado novamente este ano para garantir o controlo dos alunos que estavam em jogo.

Em março, em colaboração com o núcleo de estágio da Universidade Lusófona, nos dias 14 e 15 decorreu o Torneio de Voleibol. Definimos à partida três objetivos específicos, aumentar o número de inscrições comparativamente com o ano anterior, cumprir os horários estabelecidos no planeamento e aumentar o número de inscrições nos núcleos do Desporto Escolar de Voleibol.

A afixação de cartazes apelativos e a informação dos professores de EF sobre o evento possibilitou uma divulgação rápida pelos alunos da escola, refletindo-se num maior número de equipas inscritas comparativamente com o ano anterior. Porém este número elevado não se traduziu num maior número de alunos no Desporto Escolar. Portanto, apesar de termos conseguido mobilizar mais alunos para este evento, depois não conseguimos que os mesmos participassem na oferta de Desporto Escolar, disponibilizada pela escola. Poderia ter sido criado uma equipa apenas com as alunas praticantes do Desporto Escolar para que estas servissem de exemplo para os alunos da escola. Desta forma poderiam observar a evolução que as atletas apresentaram ao longo do ano. Os horários previamente definidos no planeamento não foram cumpridos por falhas na organização do evento. Em ambos os dias houve atrasos por não ter sido planeado o acompanhamento devido de todas as equipas presentes na competição, nomeadamente, nos escalões mais novos. Foram definidos curtos períodos de transição, dois a três minutos, e estes revelaram ser desadequados para a dimensão do evento. A transmissão das informações aos alunos de onde iriam decorrer os jogos seguintes não foi a mais correta gerando ainda mais confusão nestes momentos de transição. Futuramente deveria haver um aluno colaborador em cada equipa para estar responsável por levar a equipa ao campo onde iriam decorrer os jogos nos horários previstos. O apoio de todos os professores do GEF e dos funcionários na organização e gestão do evento como, por exemplo, orientar os alunos que não iam participar para se dirigirem às bancadas, foi essencial para nos podermos focar noutras tarefas.

3.3 Desporto Escolar

Na Escola Básica e Secundária de Carcavelos um dos objetivos gerais do seu Projeto Educativo é a “promoção do desenvolvimento integral das capacidades dos alunos em diferentes domínios” (Agrupamento de Escolas de Carcavelos, n.d., p.10). Para promover este desenvolvimento, uma das opções estratégicas referidas são as atividades extracurriculares como, por exemplo, o Desporto Escolar.

O Desporto Escolar tem como objetivo facultar uma prática desportiva regular e de qualidade, contribuindo para o sucesso escolar dos alunos, na adoção de estilos de vida saudáveis e na promoção de valores e princípios associados a uma cidadania ativa (Ministério da Educação, 2013). Todos estes objetivos vão ao encontro dos valores promovidos pela escola. O Desporto Escolar, é portanto, uma atividade fundamental na escola por proporcionar uma prática desportiva e competitiva gratuita que para muitos jovens é a única oportunidade de prática competitiva a que têm acesso (Lucas, Pereira & Monteiro, 2012). Além disso, a prática de atividade física regular ocupa os tempos livres dos alunos evitando comportamentos sedentários. Apesar do DE ser importante para proporcionar uma prática desportiva regular, os horários disponíveis para esta prática eram bastante tardios, afetando o número de praticantes. A frequência semanal de treinos também era reduzida, tendo apenas dois treinos, um de 90 e outro de 45 minutos. Teria sido essencial ter mais horários disponíveis não só para as alunas evoluírem, mas também para abranger um maior número de alunas.

O núcleo de Voleibol está dividido em quatro escalões: Infantis A, Infantis B, Iniciadas e Juvenis. Eu coadjuvei o professor responsável do núcleo de Voleibol do escalão Juvenil Feminino. Apesar de trazer benefícios separar os horários dos escalões de Voleibol, considero que teria sido mais vantajoso que os treinos decorressem todos à mesma hora. Desta forma as atletas mais velhas poderiam servir de exemplo para as mais novas e poderiam contribuir para a sua formação e progressão enquanto jogadora. Além disso, iria juntar todas as alunas criando uma continuidade e progressão no seu percurso desportivo.

A divulgação e afixação de cartazes pela escola foi uma estratégia que resultou num elevado número de alunas a comparecerem nos horários de treino. Contudo, ao longo do tempo, algumas destas alunas não quiseram continuar a frequentar os treinos. Uma pelo facto de não quererem comprometer os seus resultados escolares e outras por acharem que não tinham capacidades suficientes. Em conjunto com o professor responsável pelo núcleo tentámos cativar as alunas, explicando-lhes que o treino era o

local ideal para evoluírem na modalidade e que a prática regular de exercício ajuda a aumentar a concentração e, conseqüentemente, os resultados escolares.

É fundamental elaborar um plano anual para se definirem os objetivos que se pretende atingir ao longo do ano letivo. Para isso é necessário realizar uma avaliação inicial das atletas. Esta tarefa não foi elaborada formalmente, tendo apenas existido uma troca de opiniões com o professor responsável sobre os vários níveis apresentados pelas alunas. Teria sido vantajoso registar os níveis observados, para que o plano anual elaborado tivesse objetivos mais concretos e diferenciados para cada aluna. Por consequência, o planeamento apenas foi elaborado no 2.º Período por pedido da orientadora. Este planeamento tardio afetou a minha prestação durante os treinos pois não garantia uma condução sistemática nem uma intencionalidade pedagógica. Apenas quando elaborei este documento é que melhorei a minha atuação pois houve um estudo sobre o processo ensino-aprendizagem e um aumento de conhecimento de exercícios a utilizar no treino, consoante o objetivo que pretendia.

Uma das preocupações que tive ao longo do ano foi criar uma relação com as alunas. Esta relação pedagógica entre treinador-atleta ou, neste caso, professor-aluno é decisivo não só no desempenho demonstrado pelo atleta mas também pela influência no abandono da prática desportiva (Gonçalves, 1987, cit. in Pereira, Sarmento & Colaço, 1997). Apesar de inicialmente me ter mantido mais observadora durante os treinos, ao longo do ano fui mostrando mais entusiasmo e um maior envolvimento com as alunas. Nas competições também fui sempre dando conselhos às alunas e mostrando entusiasmo em jogo o que me permitiu criar uma ligação. Foi notório a influência e a contribuição que a relação teve para as alunas não abandonarem o núcleo. Considero este fator fundamental para que haja confiança no professor que está a conduzir os treinos.

No núcleo de Voleibol havia um nível heterogéneo, tornando-se complicado arranjar tarefas adequadas. Enquanto algumas alunas ainda precisavam de trabalhar e consolidar os gestos técnicos outras já deveriam trabalhar situações mais reais e específicas do jogo. Apesar de inicialmente terem sido utilizadas tarefas mais técnicas, progressivamente foi-se trabalhando mais em situação de jogo. Desta forma era possível não só as alunas trabalharem as questões técnicas mas também táticas do jogo. Porém, por vezes as alunas que tinham mais dificuldades ficavam por momentos fora do jogo para trabalharem estas questões mais técnicas para garantir o desenvolvimento das suas capacidades. No planeamento de um treino seria essencial definir momentos específicos para treinar todas as componentes essenciais do jogo: numa fase inicial trabalhar mais as questões técnicas e só depois trabalhar em situação de jogo. Assim é possível trabalhar, num contexto mais

controlado e de contacto sistemático com a bola, as dificuldades das alunas para depois colocar estes aspetos trabalhados anteriormente em situação de jogo.

Uma das tarefas que o professor titular me pediu para elaborar foi uma sessão de treino tipo. Estabelecer à partida o esquema da sessão facilitou-me o trabalho durante a segunda etapa e acabou por criar uma rotina nos treinos potenciando o desenvolvimento das alunas. Quando era necessário alterava os exercícios consoante os objetivos definidos. Nos períodos pré competitivos alterei as sessões tipo para que estas tivessem mais tempo de situação de jogo para ir trabalhando as várias questões que eram abordadas de forma isolada. Desta forma tentei que houvesse um *transfer* dos exercícios propostos para a situação de jogo.

Para colocar as alunas numa situação mais próxima à de competição, o professor titular organizou um jogo de treino com a Escola Secundária Quinta do Marquês. Este jogo teve bastante adesão das alunas e criaram-se dois jogos com níveis diferentes. Dividiu-se a equipa em dois grupos, sendo que um deles tinha um nível superior comparativamente com o outro. A outra escola adotou a mesma estratégia e desta forma o nível de jogo foi mais adequado aos diferentes níveis que existiam na equipa. Este momento foi importante por ser um treino mais específico com uma equipa que tem um nível superior ao nosso. As alunas puderam praticar e compreender uma noção de jogo diferente da que estão habituadas nos treinos. A possibilidade de criar momentos de treino mais próximos da competição é fundamental não só para a adaptação das atletas aos fatores emocionais associados a uma competição, mas também para o desenvolvimento das mesmas nestas condições. Caso tenha a possibilidade de treinar uma equipa considero essencial providenciar estes momentos para que a transição para o momento de competição não seja tão repentino.

Relativamente ao calendário competitivo, houve uma primeira fase de jogos onde fomos apurados em segundo lugar contra três escolas: Secundária Quinta do Marquês, Secundária Frei Gonçalo Azevedo e Secundária Pioneiros da Aviação Portuguesa. Numa segunda fase apenas foi apurada uma equipa e a Escola Básica e Secundária de Carcavelos ficou novamente em segundo lugar contra os Salesianos do Estoril, a Secundária Quinta do Marquês e a Secundária Fernando Namora, não sendo possível permanecer em competição. Contudo, tendo em consideração os objetivos que foram definidos com o professor titular, considerámos que o resultado foi bastante positivo, e sabendo nós que havia uma equipa que tinha um nível de jogo consideravelmente superior ao nosso, devido ao facto de terem alunas que jogavam em clubes federados. Porém o

desenvolvimento das alunas foi bastante notório e melhoraram consideravelmente o seu nível de jogo ao longo do ano letivo.

Depois de terminado o período competitivo tentei continuar a estabelecer um objetivo para as alunas comparecerem aos treinos. Para isso, falei com a minha colega que estava a fazer estágio na Escola Secundária de Caneças para marcar um encontro entre as escolas, tal como aconteceu com a Secundária Quinta do Marquês. Este encontro possibilitou não só um momento de convívio entre as alunas das duas escolas mas também de jogo e competitividade. Além do núcleo de Voleibol de Juvenis, também foram convidadas as Iniciadas o que permitiu uma maior interação entre os núcleos.

3.4 Investigação e Inovação Pedagógica

A área de investigação foi aquela em que o núcleo de estágio sentiu maiores dificuldades por nunca ter elaborado um projeto e um trabalho tão exaustivo para ser apresentado a uma comunidade escolar.

A escolha do tema do trabalho surgiu a partir de uma entrevista realizada ao Diretor do Agrupamento de Escolas de Carcavelos, em conjunto com o núcleo da Universidade Lusófona. Após esta abordagem e através de uma análise dos documentos da escola (projeto educativo e súmulas dos conselhos pedagógicos) definimos que o tema da investigação deveria estar relacionado com a nova medida aplicada na escola relativamente à ausência de avaliação do Trabalho Para Casa (TPC). Decidimos focar-nos nesta medida não só por ser a mais recente mas também pela “polémica” que gerou entre os professores e encarregados de educação por promover alterações na dinâmica educacional.

Após a recolha das informações, surgiu-nos então a pergunta de partida do nosso estudo: Qual a perceção dos professores do 2º ciclo relativamente à medida que não permite que se marque trabalhos para casa aos alunos? Definimos como objetivo do estudo saber a perceção dos professores acerca da medida aplicada, as facilidades e dificuldades na implementação desta medida, as mudanças que iriam ocorrer nos professores e nos alunos decorrentes da medida aplicada e a perceção acerca da necessidade de monitorização desta medida. Realizámos entrevistas por analisarem o sentido que os atores dão às práticas com os quais se vão confrontando. As entrevistas foram realizadas a oito professores do 2º ciclo.

Posteriormente foi necessário realizar a transcrição das entrevistas. Este momento, apesar de moroso, foi fundamental para analisar as perceções dos professores e conhecer a justificação da sua posição face à medida aplicada. A categorização das entrevistas surgiu por conselho da orientadora de faculdade e considero vantajoso este tipo de análise. Apesar das dificuldades que surgiram no tratamento dos resultados devido à categorização das respostas dadas pelos professores, posteriormente foi mais fácil analisar a informação apenas através das categorias que tinham sido criadas com base no conteúdo das respostas.

Uma das limitações do nosso trabalho foi a amostra reduzida dos professores. Devido à realização de entrevistas e à necessidade de transcrever e analisar o seu conteúdo, tornava-se impossível realizar a entrevista a uma amostra mais significativa. No futuro deverei sempre procurar aumentar a amostra de um projeto de investigação para garantir uma maior validade dos resultados obtidos.

Devido à conclusão tardia do Projeto de Investigação, a apresentação teve de ser adiada para podermos finalizar o trabalho e criar a apresentação. A divulgação deveria ter sido um aspeto de maior foco para garantirmos que houvesse uma adesão considerável por parte dos professores. Tal não se verificou e, pelo *feedback* que recebemos dos professores, percebemos que se deveu a uma fraca divulgação na comunidade escolar. Considero que uma divulgação mais antecipada poderia ter sido o necessário para a mensagem se espalhar pela comunidade escolar.

Para prepararmos a apresentação foram realizados vários ensaios com os dois núcleos de estágio. Uma das apresentações foi realizada para as orientadoras para nos poderem salientar os aspetos onde poderíamos melhorar para a apresentação decorrer sem problemas. Senti que estas apresentações me ajudaram a preparar o discurso e a falar mais fluidamente.

A avaliação realizada no final da apresentação pelos participantes foi positiva. Salientaram alguns aspetos que podíamos ter melhorado como a clareza da informação. Para melhorar este aspeto seria necessário realizar mais apresentações para decorarmos os vários tópicos a abordar no texto, assim como as informações mais pertinentes a serem dadas. Outro aspeto destacado foi a ausência de alunos e EE na apresentação. A sua presença teria sido benéfica para manifestarem as suas opiniões face ao tema apresentado.

3.5 Direção de Turma

O Diretor de Turma (DT) exerce um papel fundamental na escola. Este é um gestor pedagógico com uma ação sobre três atores escolares: os alunos, os encarregados de educação e os professores da turma. É fundamental que este centre a sua atenção no sucesso dos alunos (Boavista & Sousa, 2013). De acordo com o decreto regulamentar nº10/99 a 21 de Julho, o Diretor de Turma deverá:

- b) promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos;
- c) coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno;
- d) articular as atividades da turma com os pais e encarregados de educação promovendo a sua participação;
- e) coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu carácter globalizante e integrador;
- f) apresentar à direção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido. (p.4492)

Previamente ao início das aulas houve reunião de Diretores de Turma, onde foram transmitidas orientações para o desenvolvimento do trabalho ao longo do ano letivo e para a receção aos alunos. Nesta reunião foi perceptível que a maioria dos professores já tinha tido experiência anterior no desempenho destas funções, tal como aconteceu com a professora que auxiliei ao longo do ano de estágio. Considero uma vantagem ter auxiliado uma professora já com experiência no desempenho destas funções, pois soube esclarecer todas as minhas dúvidas e apresentar-me estratégias mais eficazes para a resolução dos problemas que foram surgindo. As reuniões de DT, com exceção da primeira, ocorreram poucas semanas antes do final das aulas. Estas tinham como objetivo informar os DT sobre os vários passos a realizar para preparar a reunião de avaliação. Também neste momento eram esclarecidas todas as dúvidas para que o processo decorresse sem problemas. Esta “formação” periódica é essencial para que o DT esteja preparado para que possa cumprir todas as funções que são da sua responsabilidade, tal como refere Boavista e Sousa (2013). No futuro poderei aplicar as estratégias e conhecimentos que aprendi durante o ano de estágio, não esquecendo que a socialização e a colaboração com outros professores mais experientes será sempre essencial para poder estar em constante evolução e a arranjar novas estratégias para solucionar as dificuldades.

Nas reuniões de Conselho de Turma fui ao longo do ano participando mais ativamente. No 1º Período apresentei a caracterização da turma e, apenas no 2º Período, é que apresentei o estudo de turma. Não foi possível apresentar mais cedo os dados recolhidos pois ainda não tinha aplicado o teste sociométrico. A apresentação dos resultados e de estratégias tinha como objetivo fornecer estratégias para melhorar a intervenção dos professores junto dos alunos perspetivando uma melhoria das suas aprendizagens. Relativamente ao planeamento destas reuniões inicialmente a minha intervenção baseava-se apenas no preenchimento de alguns documentos como, por exemplo, o Plano Anual de Atividades da Turma. Ao longo do tempo passei a colaborar e a assumir tarefas de forma mais autónoma.

Um aspeto em que não intervim ao longo do ano foi a realização de uma ata. Porém, a orientadora pediu-me para elaborar uma ata relativamente à reunião de avaliação correspondente ao 2º Período. Considerei importante a realização deste documento, já que no futuro será necessário elaborar uma ata e necessitarei de saber quais os conteúdos que devem ser colocados na mesma. Para me auxiliar na elaboração da mesma analisei alguns exemplos de outras atas como referência para perceber quais os conteúdos que deviam estar presentes neste documento. Esta estratégia foi fundamental para sintetizar as informações essenciais que devem estar presentes numa ata. O *feedback* que obtive do documento que produzi permitiu-me melhorar e perceber onde deverei ter mais cuidado e detalhe nas informações para que o documento fique claro e objetivo mas com todas as informações essenciais.

Relativamente aos EE, estes têm um papel fundamental no sucesso escolar dos seus educandos. No início do ano letivo foi realizada uma reunião com todos os EE para orientar o trabalho que iria ser realizado com a turma ao longo do ano assim como os objetivos que eram esperados que os alunos alcançassem no final do ano. As reuniões realizadas no início do 2º e 3º Períodos tinham como objetivo fazer um balanço das avaliações da turma e também do seu comportamento. Em todos estes momentos apenas intervim para explicar ou tirar algumas dúvidas em relação à disciplina de Educação Física. O pouco à vontade, falta de experiência e falta de conhecimento das informações pertinentes a transmitir nestas reuniões foram as razões para não me ter mostrado tão participativa nestes momentos de interação com os EE. Porém, no final de todas as reuniões havia sempre o esclarecimento de dúvidas e a comunicação com alguns EE individualmente sobre os seus educandos. Quando era necessário abordar em particular algum EE, procurei sempre ter um papel ativo e esclarecer todas as dúvidas do mesmo.

Para além das reuniões que ocorriam no início de cada período, também existia um horário destinado ao atendimento dos EE. Estes poderiam marcar antecipadamente a sua visita ou comparecer durante este horário para abordar algumas questões mais particulares. Estive sempre presente neste horário em conjunto com a DT mas adotei uma postura passiva nestes momentos. Quando era necessário esclarecer informações acerca da disciplina de Educação Física ou sobre o comportamento e desenvolvimento de algum aluno aí mostrava-me sempre disponível para responder e esclarecer os EE.

A Escola Básica e Secundária de Carcavelos disponibiliza um bloco de quarenta e cinco minutos para todas as turmas com a disciplina de Formação. É um dos momentos de intervenção direta do DT junto dos alunos para resolver assuntos da Direção de Turma mas também para abordar temas previamente definidos na planificação da disciplina. No 1º Período, para além da minha intervenção em todas as aulas sempre que era necessário, realizei uma atividade que estava proposta na planificação anual da disciplina relacionada com a Educação para a Saúde, mais concretamente sobre: Tabaco, Álcool e Toxicodependência. Os alunos realizaram em grupo um cartaz numa folha A3 onde tinham de criar um texto simples que fosse alusivo a este tema. Mostraram-se interessados e empenhados durante toda a sessão e no final entregaram o trabalho que tinham realizado durante a aula. Procurei tomar iniciativa no 2º Período e realizei uma sessão novamente relacionado com a Educação para a Saúde. Planeei com antecedência a sessão que iria dinamizar para garantir que realizava um trabalho de qualidade e que fosse pertinente para a faixa etária dos alunos. Selecionei o tema dos Afetos e a Sexualidade que constava no planeamento, pois os alunos estavam a entrar na adolescência e daí surgem várias alterações nos seus corpos que achei importante salientar para compreenderem que são normais todas estas mudanças e que devem aceitar o seu corpo. Para me preparar para a sessão pesquisei autonomamente ideias e estratégias que pudesse utilizar com os alunos para que estivessem motivados e empenhados nas tarefas que lhes exigisse. O meu objetivo com esta apresentação era a aceitação do seu próprio corpo e das alterações inerentes ao mesmo durante a adolescência e também a aceitação dos diferentes ritmos de desenvolvimento da puberdade. Relativamente à aceitação do seu corpo, propus uma tarefa à turma onde cada um devia escrever porque é que gostava de ser homem/mulher. Este exercício tinha como propósito os alunos pensarem em algo positivo sobre si e valorizarem o seu corpo. Durante a sessão senti facilidade em interagir e falar sobre o tema escolhido com os alunos mas, por vezes, tinha alguma dificuldade em mantê-los focados pois entravam em comportamentos de desvio, por se sentirem constrangidos ao abordar

este tema. Neste caso para evitar que isto ocorresse mostrava aos alunos que todos passam pelo mesmo e que não era preciso terem vergonha de abordar este tema.

Para a intervenção com os alunos procurei conhecer os mesmos, a sua situação familiar, os seus relacionamentos e as suas capacidades e dificuldades. Para obter estas informações os alunos preencheram um questionário que se encontra na plataforma INOVAR, utilizada pela escola. Um dos problemas identificados na turma foi a falta de cooperação e entreajuda. Os alunos mostravam-se reticentes quando se propunha formarem grupos de trabalho de forma aleatória. Para isso, no último Período foi realizada uma sessão em conjunto com a DT para que todos os alunos da turma se sentissem integrados e valorizados pelos colegas. Para isso todos os alunos tiveram de salientar um aspeto positivo de cada colega de turma. Apesar de ter achado que esta tarefa teve um efeito positivo na maioria dos alunos, senti que poderia ter criado outra estratégia como, por exemplo, cada aluno ter uma folha nas costas e todos teriam, sem exceção, de escrever uma qualidade sobre esse colega. Assim, teria sido uma tarefa mais dinâmica e permitia que até os alunos mais tímidos se sentissem mais à vontade em escrever aquilo que pensavam.

4 Conclusão

O estágio pedagógico representou a minha primeira experiência de ensino real ao longo deste período de formação inicial. A possibilidade de lecionar aulas sob a supervisão de orientadoras que puderam contribuir para a minha formação através de críticas construtivas que me permitiram progredir e melhorar ultrapassando as várias dificuldades que foram surgindo durante este ano. Apesar de inicialmente me sentir insegura em assumir uma posição de maior destaque como acontece a um professor, ao longo do ano pude progressivamente estar mais segura e confiante nas minhas capacidades.

Relativamente à leção das aulas de Educação Física, a turma mostrava-se reticente à disciplina devido a experiências anteriores com outros professores. Ao longo do ano procurei assegurar um bom clima de aprendizagem onde os alunos não se sentissem com receio de cometer erros. Esta abordagem teve efeitos positivos em várias alunas que passaram a ter gosto pela prática de atividade física podendo resultar na adoção de um estilo de vida mais saudável, uma das finalidades dos PNEF.

Finalizando esta etapa compreendo a importância das quatro áreas de intervenção no meu futuro profissional. Em todas elas houve desafios que proporcionaram um desenvolvimento das minhas capacidades para ultrapassar as adversidades. Inerente a todo este processo houve um conjunto de aprendizagens e competências adquiridas ao longo do ano que serão sem dúvida aplicadas para na minha vida profissional. Relativamente a todas as dificuldades que não foram superadas neste ano de estágio, cabe-me manter uma formação contínua para estar em constante progressão. A reflexão e a capacidade crítica deverão continuar a ser a base do meu desenvolvimento.

5 Referências Bibliográficas

- Agrupamento de Escolas de Carcavelos (n.d.). *Projeto Educativo*. Documento não publicado
- Almeida, D. & Vieira, D. (n.d.). *Balanço do Torneio do Mata*. Documento não publicado
- Araújo, F., & Diniz, J. (2015). Hoje, de que falamos quando falamos de avaliação formativa? *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 39, 41-52.
- Boavista, C., & Sousa, Ó. (2013). O Diretor de Turma: perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23, 77-93.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 10/11, 135-151.
- Decreto Regulamentar nº 10/99, de 21 de Julho do Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território. Diário da República: I série-B, nº168 (1999).
- Griffey, D., & Housner, L. (1991). Differences between experienced and inexperienced teachers' planning decisions, interactions, student engagement, and instructional climate. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 62(2), 196-204.
- Inácio, G., Graça, M., Lopes, D., Lino, B., Teles, A., Lima, T., & Marques, A. (2014). Planeamento na Ótica dos Professores Estagiários de Educação Física: Dificuldades e Limitações. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 48(1), 55-67.
- Lucas, M. P., Pereira, B. & Monteiro, A. O. (2012). Desporto Escolar: Dinâmicas e Valores. In B. Pereira, A.N. Silva & G. S. Carvalho, *Atividade Física, Saúde e lazer. O Valor Formativo do Jogo e da Brincadeira* (pp. 153-165). Braga: Universidade do Minho
- Martins, M., Onofre, M., & Costa, J. (2014). Experiência de Formação que tornam o futuro Professor de Educação Física mais confiante no início do estágio. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 38, 27-43.
- Matos, M. (2010). Diferenciação curricular: uma abordagem às práticas de intervenção educativa no 2º ciclo do ensino básico. Universidade Técnica de Lisboa, Cruz Quebrada: Tese de doutoramento não publicada.
- Mendes, F. (1999). Contributos para a predição dos comportamentos de indisciplina dos alunos em aulas de Educação Física. In P. Sarmento, A. Leça-Veiga, A. Rosado, J. Rodrigues, V. Ferreira & L. Vilar Moreira (Eds.), *Pedagogia do Desporto - Estudos* 6, (pp. 55-75). Lisboa: Edições FMH.

- Ministério da Educação. (2001). *Programas Nacionais de Educação Física - Reajustamento*. Retirado a 10 de Setembro de: <http://www.spef.pt/>.
- Ministério da Educação. (2013). *Desporto Escolar*. Retirado a 10 de Setembro de: <http://desportoescolar.dge.mec.pt/visao-missao-e-valores>
- Pereira, A., Sarmento, P., & Colaço, C. (1997). A relação treinador-atleta: Estudos dos comportamentos de entusiasmo em Voleibol. In P. Sarmento, A. Leça-Veiga, A. Rosado, J. Rodrigues, V. Ferreira & L. Vilar Moreira (Eds.), *Pedagogia do Desporto - Estudos 5*, (pp. 51-69). Lisboa: Edições FMH.
- Woolfolk Hoy, A., & Spero, R. (2005). Changes in teacher efficacy during the early years of teaching: A comparison of four measures. *Teaching and Teacher Education*, 21(4), 343-356.

6 Anexos

(Em formato digital – CD)